

# PAULO FREIRE E EJA APRISIONADOS: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA<sup>1</sup>

Maria da Conceição Valença da Silva<sup>2</sup>

## Resumo

A educação de pessoas jovens e adultas representa um dos maiores desafios da educação, pois se trata de uma ação educativa com um público, em sua maioria, com uma inclusão perversa na sociedade. Isto nos remete a uma preocupação maior ainda em relação à educação escolar em penitenciária, uma vez que a instituição prisional é caracterizada pelo medo, opressão, violência, isolamento. A ação educativa da Unidade Escolar Prisional é realizada por professores que, de um modo geral, não foram preparados para trabalhar com pessoas adultas e o corpo discente é constituído por indivíduos estigmatizados como párias sociais. Entendendo que a ação educativa é concretizada, dentre outras maneiras, pela prática docente enquanto processo de ensino, constituída por elementos que se interligam e se complementam caracterizando processos de ensino-aprendizagem, vislumbramos através deste trabalho compreender a relação entre a prática docente da EJA na Penitenciária Juiz Plácido de Souza em Caruaru e a finalidade da escola na prisão. A partir deste estudo buscamos identificar o sentido desta prática pela análise da organização didático-pedagógica e da operacionalização do trabalho dos professores; anunciar os desafios da prática docente da EJA no âmbito prisional e a direcionalidade do ensino expressa pela categoria conteúdo/procedimento.

O presente trabalho apresenta as razões pelas quais nos dispomos a realizar o trabalho de pesquisa sobre a Prática Docente na Educação de Jovens e Adultos em uma unidade prisional. São anunciados os objetivos, o cenário e sujeitos da pesquisa, os procedimentos metodológicos, os instrumentos de análise das informações coletadas e o estágio em que se encontra a investigação, fundada no marco teórico que dá sustentação à pesquisa, evidenciando as contribuições do pensamento freireano.

## I – A PESQUISA

### 1. O OBJETO E A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A finalidade da educação é criar condições que favoreçam a construção da postura do ser humano *na* e *com* a sociedade, possibilitando-lhe entender e explicar a realidade, enfrentar os problemas do dia-a-dia, buscar soluções, tomar decisões, por-se, criticamente, diante da realidade e intervir para transformá-la ou mantê-la, e transformar a si mesmo enquanto sujeito inconcluso, histórico, crítico, criador.

A educação visa criar condições favoráveis à construção do ser humano dos diversos segmentos sociais. A escola é uma das instâncias a contribuir com essa construção. Em suas práticas são reveladas as visões axiológicas que as fundamentam.

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada pelo Professor João Francisco de Souza (UFP – Universidade Federal da Paraíba)

<sup>2</sup> Especialista em Metodologia do Ensino Superior, vinculada à UFPE, na qualidade de mestranda em Educação e à FAFICA, na qualidade de professora. E-mail: [conceicaovalenca@iq.com.br](mailto:conceicaovalenca@iq.com.br)

Diante do debate educacional contemporâneo e na condição de profissionais de ensino, somos incitados(as) a investigar a educação no âmbito da instituição escolar, especificamente em sala de aula, no sentido de desvelar os fenômenos que permeiam a prática no processo educacional em função da construção dos sujeitos pedagógicos.

Focando nosso olhar para a escola e tomando como ponto de partida (e de chegada) a prática pedagógica, entendida como relações que se estabelecem entre o professor, o aluno, o conhecimento e a instituição (SOUZA, 2000), particularizamos, nesta, a prática docente enquanto processo de ensino efetivado pelo professor num determinado tempo/espço, o qual não se dá isolada nem individualmente, mas através de uma ação coletiva, numa articulação teórico- prática, a partir de necessidades de uma dada realidade a fim de mantê-la ou transformá-la.

Para adentrarmos à discussão sobre a prática docente da EJA a partir da finalidade da escola na prisão, iniciamos por uma abordagem conceitual sobre a questão da finalidade, em sentido amplo, a partir de Vasquez (1977) quando afirma que *"a finalidade é a expressão de certa atitude do sujeito em face da realidade. Pelo fato de traçar-me um objetivo, adoto certa posição diante da realidade"*. Buscamos nessas reflexões contribuições para a análise dos fins da educação e suas implicações para a prática docente.

Durante o estudo, fizemos uma incursão teórico-empírica a partir das contribuições de Durkheim (1967,1984) e de Freire (1977, 1987, 1992,1997) sobre a concepção de educação e suas finalidades, no sentido de nos ajudar a reconhecer os fundamentos que melhor atendem ao processo de escolarização com pessoas jovens e adultas.

Ainda recorremos à literatura que trata da Educação de Jovens e Adultos Souza (1998, 2000, 2001, 2002), Beisegel (1974), Paiva (1973) entre outros, para melhor conhecer a área de estudo na qual situamos o nosso objeto: a prática docente da EJA na prisão. Buscamos informações, também, em documentos oficiais que tratam da finalidade da escola na prisão.

Nessa incursão teórica, considerando a prática docente como categoria de análise, ainda nos beneficiamos dos estudos/análises, dentre outros, de Candau (1990), Oliveira (1993), Freitas (1995), Nóvoa (1995), Tardiff (2002). Nessa categoria, a unidade conteúdo/procedimento enquanto elemento que constitui a prática docente e imprimi-lhe uma direcionalidade, evidenciamos as contribuições de Santiago (1990), Veiga (1996), Pinto (1997), Zabala (1998), Coll (2000)e Souza (2004).

Pretendemos estabelecer, simultaneamente, uma interlocução entre os teóricos, a análise dos documentos, os depoimentos dos participantes da pesquisa, os achados das observações de campo, tentando nos posicionar e expressar a nossa compreensão do objeto investigado.

## **2. A ORIGEM DO OBJETO**

O interesse em realizar este trabalho surgiu de uma experiência que realizamos, enquanto professora de Prática de Ensino, sob a forma de estágio supervisionado, juntamente com os(as) alunos(as) estagiários(as) do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA<sup>3</sup>, a fim de contribuir com a redução do número de presos analfabetos

---

<sup>3</sup> Essa Instituição de Ensino Superior é particular. Oferece os Cursos de Licenciatura em Ciências Sociais, História, Letras e Pedagogia há mais de quarenta anos, atendendo a uma demanda considerável do município e cidades circunvizinhas. O compromisso sócio-educativo dessa IES tem se revelado através de iniciativas que

e/ou semi-alfabetizados, através de uma parceria entre essa Instituição de Ensino Superior e a Penitenciária Juiz Plácido de Souza ( PJPS).

A experiência foi evidenciando limites de ordem teórico-metodológica, pois tínhamos pouca experiência em EJA. Essa situação foi nos instigando a aprofundar cada vez mais o conhecimento sobre a EJA e a vislumbrar a possibilidade de uma investigação que favorecesse uma maior aproximação e desvelamento de fenômenos que permeiam a prática docente na EJA na prisão.

Outra situação que se nos apresentou foi o fato de as alunas/estagiárias de Pedagogia não terem em sua formação um conhecimento/experiência com o público adulto, que pudesse favorecer o trabalho na prisão. Mesmo com esses desafios nos dispomos a realizar o trabalho, ousando enfrentar/experimentar uma nova realidade da nossa vida profissional.

Simultaneamente aos desafios que se nos apresentaram, o medo de desenvolver um trabalho no âmbito prisional também nos envolveu. Tínhamos como pressuposto que a penitenciária era um lugar assustador, tenebroso e, portanto, inóspito. Não conhecíamos nada daquela instituição nem do público que a constituía e com o qual iríamos conviver/trabalhar. Mesmo assim, nos sentíamos atraídas pelo desafio e pela oportunidade de poder, de alguma forma, contribuir com a formação de outros sujeitos e com a nossa também. Demos, então, início ao trabalho.

Essa experiência aconteceu entre os anos de 1998 e 2000, mas, em 1999 as turmas foram estadualizadas: os alunos passaram a compor o corpo discente da Escola Estadual Nicanor Souto Maior (salas anexas/PJPS). Mesmo acontecendo a estadualização das turmas, a parceria entre a FAFICA e a Penitenciária se manteve até o final de 2000. A partir de então o processo educativo escolar e a contratação do corpo docente para as turmas de EJA daquela penitenciária passou à jurisdição do Estado.

A realização desta pesquisa responde, pois, ao desejo de um melhor entendimento da prática docente efetivada pelo(as) professores(as) que atuam junto ao aluno/preso que se encontra duplamente discriminado:

- a) pela situação de encarcerado que o estigmatiza, com ou sem razão, como um pária social; e,
- b) pela condição de aluno da EJA, enquanto modalidade de ensino da educação básica oferecida aos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio (Art. 37 da LDB nº 9.394/96). Essa razão confere um caráter de "marginalidade" ao adulto por estar *fora da faixa etária adequada*.

A EJA é um dos problemas mais graves da educação em nosso país. Além da falta de vontade política dos governantes de efetivar um trabalho qualitativo, do tímido apoio financeiro-pedagógico, da ausência de políticas públicas de formação de professores para atuarem nessa modalidade de ensino, as condições de vida e a ociosidade dos presidiários, bem como os preconceitos contra essas pessoas são aspectos que aumentam o desafio a uma prática docente, nessa modalidade educativa. Mesmo assim, os(as) professores(as) estão atuando junto aos alunos/presos. Mas, qual o sentido dessa prática? E, como se efetiva? Resta-nos descobrir "em

---

primam pela necessária articulação entre o trabalho acadêmico e demais instâncias sociais, no sentido de favorecer a humanização dos seres humanos. Atualmente, oferece também os Cursos de Administração e Ciências Contábeis.

favor de quem” e “para quê” está sendo desenvolvida essa prática docente na prisão, através do desvelamento da sua efetivação.

Diante desses fatores, algumas inquietações se sobrepuseram e nos instigaram a buscar entender sobre: como o professor organiza, executa e avalia o processo de ensino? O que ensina e como ensina? Que direção é impressa à prática docente? Qual a finalidade da escola na prisão? Que finalidade orienta a prática docente da EJA na prisão? Que desafios aparecem? Como enfrenta? Ou não enfrenta?

Frente a essas questões e enveredando na investigação, tomamos o seguinte problema como pergunta norteadora: como se efetiva a prática docente da EJA na PJPS em relação à finalidade da escola na prisão?

Pelas possíveis contribuições sócio-educativo-pedagógicas deste trabalho investigativo, consideramos relevante, a sua realização, também pela carência de pesquisas sobre educação em Unidades Prisionais no Estado de Pernambuco.

### **3. O CENÁRIO E OS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO**

O *locus* da nossa investigação é a Penitenciária Juiz Plácido de Souza, localizada no Bairro Vassoural, em Caruaru<sup>4</sup>, Estado de Pernambuco, Brasil. Essa Unidade Prisional foi fundada em outubro de 1989, com capacidade para 98 detentos do sexo masculino, em regime fechado. Embora seja essa a capacidade da penitenciária, há, atualmente, 496 encarcerados.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram as seis professoras que trabalham com as turmas de alfabetização e de 1ª a 4ª série do ensino fundamental – modalidade de Educação de Jovens e Adultos - cento e cinqüenta e três alunos matriculados e freqüentando as salas de aula no período do trabalho de campo, cinco técnicos(as) da Secretaria de Educação e Cultura e três técnicos(as) da Secretaria de Defesa Social, ambas do Estado de Pernambuco.

As aulas são ministradas de segunda à sexta-feira, nos turnos da manhã e da tarde, com exceção da quinta-feira (dia reservado para encontro conjugal). Os alunos estão distribuídos em duas turmas de alfabetização e quatro turmas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental – EJA. Além dos alunos e seis professoras, as turmas contam com o apoio de uma coordenadora pedagógica.

O público encarcerado da PJPS é, basicamente, pobre, analfabeto e semi-analfabeto; provém do campo, da periferia de Caruaru e de cidades circunvizinhas; e tem família (pai, mãe, mulher, filhos). Além do direito ao encontro conjugal, os detentos recebem visitas de religiosos (aos sábados) e de parentes e amigos (aos domingos).

Sendo a EJA um desafio para os educadores, que têm de enfrentar diversos obstáculos, tínhamos como pressuposto que se a prática docente realizada em Unidades Escolares Prisionais se revelasse significativa, poderia contribuir enormemente com a solução dos problemas dessa prática em outros espaços educativos, pois, na medida em que é mais desafiadora pelos problemas

---

<sup>4</sup> Caruaru é considerada geograficamente a cidade centro da Região Nordeste. Com uma população aproximada de 232.000 habitantes, tem como principais fontes de renda o comércio – destacado como um dos maiores do interior nordestino –, a indústria e o turismo, pela tradição e pelo grande núcleo de produção artesanal do Estado, destacando-se o “Alto do Moura” e a “Feira de Caruaru”. Por sua relevância, essa cidade exerce uma influência sobre quarenta municípios, mais ou menos, englobando uma população de mais de 1.200.000 habitantes (PREFEITURA MUNICIPAL DE CARUARU. **Informações sócio-econômicas do Município de Caruaru**. Caruaru, março de 2000).

específicos da condição singular dos alunos, das relações de poder entre os sujeitos (alunos, professoras, coordenadora, funcionários, gerentes), além da escassez de recursos humanos, materiais, financeiros, de apoio pedagógico e de espaço físico, se torna um espaço fértil à imaginação criadora dos educadores.

A propósito, a Instituição Prisional tem feito um esforço para combater o processo de criminalidade, mas, a degradação do Sistema Penitenciário é revelada, dentre outros aspectos, pelo fato de ela se constituir um depósito de pessoas e por ter sido caracterizada como instrumento de castigo para o acusado. Ao tempo em que a prisão afasta o infrator da sociedade deve favorecer a sua (re)socialização, pois, ele voltará a conviver no seio da sociedade.

Referindo-se à prisão, Foucault (2000, p. 131) comenta que "*a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade*". Como encaminhar processos educativos numa situação dessas? Para onde apontam esses processos em unidades prisionais e como se concretizam?

Predominantemente, na situação atual das unidades prisionais não se possibilita o acesso aos saberes para a recuperação dos presos. Estão aí como se em um depósito se encontrassem, sem nenhuma perspectiva de (re)inserção social e, por isso mesmo, por que perder tempo oportunizando um novo saber sobre a vida e seu retorno ao convívio com outros sujeitos em diversas instâncias sociais?

Goffman (1999) ensina-nos sobre estabelecimentos sociais caracterizados como instituições totais entre os quais situa as prisões e os manicômios. Mostra que nesse tipo de instituição aprofunda-se a segregação dos indivíduos, uma vez que seu caráter isolacionista se manifesta, por consenso, através do impedimento do convívio social com as situações correntes do mundo externo, sobretudo pela impossibilidade de saídas ao exterior. Analisa, ainda, as relações entre dirigentes e dirigidos nessas instituições, evidenciando as situações de opressão em que se encontram nas relações de poder que aí se estabelecem.

Em nosso estudo, emergiram(emergem) exigências para melhor circunscrever o objeto da pesquisa. Assim, no levantamento bibliográfico fomos em busca dos conhecimentos já produzidos sobre a temática, no sentido de uma aproximação maior com a literatura específica sobre a educação escolar em unidades prisionais (VAN DER POEL, 1981; LEITE, 1989) para podermos fundamentar a construção de novos conhecimentos.

#### **4. OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A entrada no campo aconteceu pelo nosso reencontro com os sujeitos, através de uma conversa informal, mas, atenta às recomendações necessárias a esse momento do estudo, ou seja, solicitamos autorização para efetivação da pesquisa e informamos à gerência da PJPS, à direção e coordenação da escola, às professoras e aos alunos sobre os nossos interesses em buscar as possíveis contribuições dessa investigação, os procedimentos pelos quais desejávamos realizar o trabalho de campo, num clima de confiabilidade e respeito mútuos, a fim de propiciar o diálogo e a interação necessários entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos na pesquisa.

Entendemos o trabalho de campo a partir de Minayo (2000, p. 105) quando afirma que "*é o recorte espacial que corresponde à abrangência, em termos empíricos, do recorte teórico*

*correspondente ao objeto da investigação*". Para essa dupla inserção, empírico-teórica, colhemos as informações a partir de três procedimentos:

- a) entrevista semi-estruturada – por entendermos a sua relevância, uma vez que favorece a presença do pesquisador ao mesmo tempo em que dá ao entrevistado a liberdade de expressão e posicionamento sobre as questões propostas pelo pesquisador;
- b) observação participante – por possibilitar uma aproximação mais exaustiva das informações, através dos gestos, movimentos, expressões, falas, atitudes.
- c) análise documental – por favorecer a ampliação de informações, a identificação de elementos que precisam ser aprofundados, além de ratificar e validar informações obtidas através de outros procedimentos.

Pela complexidade do objeto e pelas possibilidades de evidência de subsídios significativos de intervenção, realizamos um estudo etnográfico das turmas de EJA, em sala de aula, através de observação sistemática durante quatro meses, em dias alternados da semana.

Como técnica de pesquisa para registro das informações utilizamos o diário de campo. Contudo, a escolha não foi aleatória, estava articulada aos interesses da pesquisa por meio do entendimento de que

a escolha de uma técnica de coleta, registro e tratamento de dados ou dos procedimentos de recuperação de informações sobre um determinado fenômeno implica não somente pressupostos com relação às concepções de método e de ciência, mas também a explicitação das concepções de sujeito e de objeto... e as visões de mundo, implícitas em todo processo cognitivo (GAMBOA, 1995, p. 88).

## **5. O ATUAL ESTÁGIO DO TRABALHO DE PESQUISA**

Nesse momento do trabalho estamos descrevendo, analisando e interpretando as informações, articulando-as aos referenciais empírico-teóricos do trabalho (construção dos dados). É através da análise de conteúdo, compreendida como técnica que propicia a análise das comunicações orais e escritas, que estamos tratando o material coletado, a partir das contribuições de Bardin (1977).

A análise das informações, de acordo com a categoria de análise da pesquisa, está permitindo-nos formular os dados e com eles elaboraremos a nossa compreensão da prática docente na EJA com relação à finalidade da escola na prisão.

Entendemos que, assim procedendo, vislumbraremos possibilidades de (re)construção de conhecimentos sobre a prática docente da EJA na prisão necessária em nossa realidade pernambucana.

## II – CONTRIBUIÇÕES FREIREANAS PARA UMA PRÁTICA DOCENTE NA EJA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PROBLEMATIZADORA DA EDUCAÇÃO

Atuar na educação de pessoas jovens e adultas representa um dos maiores desafios da educação, pois se trata de uma ação educativa com um público, em sua maioria, incluído perversamente na sociedade. Isso nos remete a uma preocupação maior em relação à educação escolar em penitenciária, porque, se já é difícil realizar um trabalho nas escolas do sistema educacional brasileiro, que requerem um apoio político-financeiro-pedagógico que atenda às necessidades de um trabalho qualitativo, maiores serão os desafios para concretizar uma prática docente na prisão, com uma configuração como a esboçada por nós anteriormente. Exige muitas idéias e criatividade para enfrentar os desafios especialmente em um contexto, de um lado, muito sofisticado e, de outro, de extrema penúria. Um mundo globalizado na sua miséria e perspectivas sociais.

Nesse mundo pós-moderno onde o capitalismo selvagem degrada sociedades, fazendo com que se esqueçam de preceitos básicos à sobrevivência – como o trabalho, a solidariedade, o respeito, a ética – produzindo disparidades sócio-econômicas maiores ainda, urge uma revisão do papel da Educação de Jovens e Adultos e da ação dos professores que atuam nessa modalidade de ensino.

Com efeito, a educação não pode ser concebida como uma ação imposta por um grupo, ou grupos, sobre outro(s), como idealiza Durkheim (1967, p. 41) ao considerar que a educação é

a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança particularmente se destine.

Apesar dessa concepção revelar o caráter social da educação, considera que a sociedade adulta, diante de cada nova geração, deverá construir as condições de sua reprodução e continuidade. Atribui à educação um duplo papel, ao qual denomina de **uno** e **múltiplo**, reconhecendo nele a necessidade de tantas espécies de educação em determinada sociedade quantos sejam os meios sociais nela existentes. Por isso, considera que não pode haver um único tipo de educação, mas, ao mesmo tempo insiste que essa diversidade tem que garantir uma ideologia única para possibilitar e consolidar a unidade social.

Esse ideário educativo não parece de todo desprovido de sentido, a não ser em relação ao fato da necessidade de impor uma única ideologia e reduzir-se à atuação com crianças. Coloca um grande problema, de difícil equacionamento e solução, que é a direcionalidade da ideologia da unidade societal e seus horizontes, diante das desigualdades econômico-sociais e das exclusões culturais. Como se fará em uma sociedade tão heterogênea com interesses tão desencontrados? Nesse sentido exige um amplo debate e um posicionamento em relação à prática docente, especialmente na Educação de Jovens e Adultos.

A educação nessa perspectiva tem o papel de impor ao ser que nasce – individual e associal – um ser inteiramente novo: o ser social. Os princípios implícitos nesse pensamento não nos permitem fundamentar uma prática voltada para a formação de pessoas adultas nem mesmo para crianças, pois se trata apenas de domesticação como a denomina Paulo Freire.

Na ótica de Freire especialmente no texto *Pedagogia do Oprimido* (1987), a compreensão da educação na vida dos sujeitos problematiza a visão durkheimiana de educação, parece-nos abrir novos horizontes para a prática docente, inclusive com os jovens, adolescentes e adultos em um processo de escolarização.

## **1. PRESSUPOSTOS DE UMA EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA**

A educação enquanto instrumento de formação humana do ser humano, requer percebê-lo como sujeito histórico, capaz de criar e recriar, de desenvolver-se em suas várias dimensões, de intervir e transformar a realidade, considerando o contexto sócio-histórico-cultural no qual se insere.

Paulo Freire (1987) identifica a concepção de educação explicitada por Durkheim como uma "educação bancária", na qual o educador deposita informações e valores morais que deseja e cabe ao educando apenas absorver e reproduzir. Nessa perspectiva, o educando é mero objeto do processo educacional. Buscamos, pois, em Freire contribuições para o nosso estudo sobre a prática docente da EJA na prisão, evidenciando alguns pressupostos da educação problematizadora.

### **1.1 – RECONHECIMENTO DAS NECESSIDADES EXISTENCIAIS DO EDUCANDO**

Na perspectiva problematizadora da educação, a prática pedagógica deve considerar como **ponto de partida o próprio educando**, suas necessidades existenciais para a partir da leitura dessa realidade feita por ele, vislumbrar possibilidades de superação; exige, ainda, uma revisão da relação professor/aluno no sentido de ambos serem reconhecidos como sujeitos do processo; e mais, eleger o diálogo como princípio orientador de uma prática que visa desalienar o ser humano e contribuir com a sua construção.

No caso específico do nosso trabalho de pesquisa no âmbito prisional, entendemos que a prática docente na escola prisional deve estar voltada, também, para a realidade do próprio âmbito da prisão e de suas especificidades, dos movimentos de auto-regulação, dos saberes já elaborados pelos presos explicitados em seus discursos, considerando seus ritmos de aprendizagem, suas necessidades/dificuldades articuladas aos diversos contextos.

Possibilitar o desvelamento das necessidades do educando, problematizando-as, significa favorecer a compreensão por parte do sujeito, de sua situação no mundo, de suas visões, concepções, permitindo-lhe captar a realidade não mais como estática, mas como processo, em transformação e é nesse sentido que *"a educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham"* (FREIRE, 1987, p. 72). Por isso, é necessário discutir com o educando as suas próprias experiências, os saberes por ele já elaborados articulando-os aos saberes curriculares, favorecendo a compreensão da educação como instrumento que possibilita a formação dos sujeitos para a intervenção no mundo.



## 1.2 – SUPERAÇÃO DA CONTRADIÇÃO EDUCADOR/EDUCANDO

Na educação problematizadora **rompe-se com a contradição professor/aluno**. O professor não é apenas o que educa, mas, numa ação dialógica com o aluno também é educado. Nessa relação, professor e aluno são reconhecidos como sujeitos do processo e, desse modo, nos diz Freire (1987, p.69) *"o educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também"*.

Compete ao educador na efetivação de uma práxis transformadora ensinar a pensar, a problematizar, a enfrentar desafios (da leitura da realidade, da afirmação da identidade libertadora, da construção coletiva), a buscar alternativas visando à humanização do ser humano. Ao contrário, na concepção "bancária" da educação, a dimensão humana da vida das pessoas está sendo secundarizada. A ação do educador restringe-se à transmissão de informações e cabe ao educando memorizar, armazenar tais conteúdos. Essa ação dificulta o pensar autêntico, uma vez que os conteúdos, os procedimentos metodológicos e avaliativos inibem o avanço do pensar dos educandos; a relação que se estabelece entre o educador e o educando é autoritária; o professor é considerado o sujeito que escolhe, determina, impõe e o aluno mero objeto acolhedor das imposições independentemente das suas necessidades existenciais.

Na relação educador/educando é mister o respeito à dignidade de cada um, aos saberes construídos, à ética, à curiosidade, sabendo-se sujeitos capazes de uma práxis transformadora. Ao educador, sugere Freire (1997), compete um respeito à autonomia e identidade do educando que exige uma prática coerente com este saber.

## 1.3 – O DIÁLOGO COMO ELEMENTO FORMATIVO DO SER HUMANO

Nessa luta por uma formação humana do ser humano, Freire (1987) evidencia uma concepção de **educação enquanto possibilidade de diálogo e que se realiza nesse diálogo**, de reconhecimento das necessidades existenciais dos sujeitos e não como pura transferência de informações/conteúdos e comportamentos a indivíduos inaptos à vida social. Contrapõe-se à concepção de educação explicitada por Durkheim (1967) enquanto uma "educação bancária", na qual o educador deposita informações e valores morais que deseja e cabe ao educando apenas absorver e reproduzir. Perspectiva na qual o educando é mero objeto do processo educacional. Enquanto para Freire o educando é e será sempre sujeito *no* e *do* processo.

Na concepção de educação problematizadora de Freire, o diálogo está fundamentado no amor, na fé nos seres humanos, na esperança, no comprometimento com as causas humanas, na humildade, no reconhecimento da possibilidade de todos e quaisquer sujeitos sentirem-se e fazerem-se tão sujeitos quanto os outros. O diálogo, assim, exige considerar as potencialidades de criar, criticar, intervir, transformar, próprias do ser humano, e é nesse sentido que *"a fé nos homens é um dado a priori do diálogo"* (FREIRE, 1987, p. 81).

**O diálogo como elemento formativo do ser humano** se efetiva na medida em que possibilita aos sujeitos a transformação do mundo, a compreensão da realidade enquanto processo superando a visão superficial, estática dessa realidade. Superar o pensamento ingênuo, alienado

de sujeitos subjugados ou prepotentes é tarefa da educação problematizadora cujo processo se efetiva pela dialogicidade.

### III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhecendo as contribuições do pensamento de Paulo Freire para o nosso trabalho de pesquisa, no sentido de fundamentar a concepção e a finalidade de educação e, conseqüentemente, da prática docente junto aos jovens e adultos no âmbito da Unidade Escolar Prisional, buscamos, nesse trabalho, perceber as bases da prática das professoras que atuam na EJA na PJPS; identificar suas visões de mundo, de ser humano, de sociedade, de educação que se expressam em sua prática docente, com ênfase na unidade conteúdo/procedimento, e que vão se conformando no dia-a-dia da sala de aula.

Esses, como tantos outros fatores inerentes ao trabalho do professor e ao papel da escola na formação dos sujeitos, sejam eles crianças, jovens ou adultos, carecem da nossa atenção, estudo e compreensão, a fim de melhor desenvolvermos nossa ação educativa. Compreender a prática docente da Educação de Jovens e Adultos na prisão exige, portanto, da parte dos(as) professores(as), a apropriação da função da escola, do papel do professor, das possibilidades intrínsecas ao processo de ensino-aprendizagem, dos contextos nos quais a instituição escolar está inserida. Requer perceber alternativas que emergem ou são impostas para que se mantenha ou se transforme determinada ordem. Ampliar e/ou rever nossos pontos de vista é condição *sine qua non* para que possamos basilar nossa postura enquanto profissionais da educação.

Assim, acreditamos que estudar, refletir e fundamentar nossas idéias sobre a prática docente na EJA, a partir de sua efetiva realização em uma unidade prisional, nos leva a outros posicionamentos, concepções, contribuições ao aprofundamento do ideário pedagógico para a EJA. Os conhecimentos mais estribados na prática podem sugerir maiores possibilidades tanto para a análise e compreensão das teorias educacionais quanto das práticas pedagógicas.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e Educação Popular**: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Pioneira, 1974.
- BRZEZINSKI, Iria (Org.). **LDB Interpretada**: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1997.
- CANAU, V. M. (Org.) A Didática e a relação forma/conteúdo. In: **Rumo a uma Nova Didática**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- CENTRO PAULO FREIRE - ESTUDOS E PESQUISAS. **O pensar e o fazer do Professor Paulo Freire**. Recife, 1998.
- COLL, César. **Os conteúdos na reforma**: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Ministério da Educação, 1988.

- DECLARAÇÃO DE HAMBURGO. In: SOUZA, João Francisco de.(Org.). **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e no Mundo**. Recife UFPE/ Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular (NUPEP), 1998.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Sociologia**. (Organizador da coletânea - José Albertino Rodrigues). São Paulo: Abril, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2001.
- GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). **Pesquisa Educacional: quantidade: qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- LEI DE EXECUÇÃO PENAL. Lei nº 7.210. Brasília: Congresso Nacional, 1984.
- LEITE, Carlinda Maria F. A. F. **Escola na Prisão – Dupla Disciplinação? Libertação?** 1989. 362 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Minho. Braga/Portugal.
- MANUAL DE ASSISTÊNCIA EDUCATIVA DE ATENDIMENTO AO REEDUCANDO NO SISTEMA PENITENCIÁRIO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. Governo de Pernambuco, Secretaria de Cidadania e Políticas Sociais, Secretaria Executiva de Ressocialização - SERES, Superintendência de Reeducação e Integração Social – GRIS, Gerência de Educação e Qualificação Profissionalizante, Supervisão de Educação.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7ª ed. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.
- NÓVOA, António (Org.). **Profissão Professor**. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.
- OLIVEIRA, M.R.N.S.(Org.) **Didática: ruptura, compromisso e pesquisa**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1993.
- PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos – contribuição à História da Educação Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1973.
- PINTO, Álvaro Vieira. Forma e conteúdo da educação. In: **Sete lições sobre educação de adultos**. 10 ed. São Paulo:Cortez, 1997
- PJPS/FAFICA. **Quem estamos prendendo?** Perfil do preso da Penitenciária Juiz Plácido de Souza. Caruaru: 1997.
- PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, Lei nº 10.172, de 2001. Brasília: Senado Federal, 2000.
- PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO. Secretaria de Defesa Social do Estado de Pernambuco, Secretaria Executiva de Ressocialização – SERES, Gerência Regional Prisional II – G.R.P. II. Caruaru, 2004.

- REGIMENTO UNIFICADO DAS ESCOLAS ESTADUAIS DAS UNIDADES ESCOLARES PRISIONAIS DE PERNAMBUCO. Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Esportes, Diretoria de Normatização do Sistema Educacional, Diretoria Executiva de Orientação e Normatização Escolar, Secretaria de Justiça, Superintendência do Sistema Penitenciário – SUSIPE, Departamento de Serviços Técnicos, Divisão de Educação. Recife, 1998.
- SANTIAGO, Maria Eliete. **Escola pública de 1º grau**: da compreensão à intervenção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SOUZA, João Francisco de. **Uma Pedagogia da Revolução**: a contribuição do Governo Arraes (1960-64) à reinvenção da educação brasileira. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Proposta Curricular**. Educação de Jovens e Adultos. Recife: UFPE/Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular (NUPEP), 1998.
- \_\_\_\_\_. **Atualidade de Paulo Freire**: contribuição ao debate sobre a Educação na diversidade cultural. Recife: Bagaço; Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular da UFPE (NUPEP), 2001.
- \_\_\_\_\_. **Prática Pedagógica e Formação de Professores** – anotações para debate. Recife: Centro de Educação/UFPE, 2002.
- \_\_\_\_\_. **E a EDUCAÇÃO: quê??**. a educação na sociedade e/ou a sociedade na educação. Recife: Bagaço, 2004.
- SOUZA, João Francisco de (Org.). **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e no Mundo**. Recife: UFPE/Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular (NUPEP), 2000.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- VAN DER POEL, Salete. **Alfabetização de Adultos**. Sistema Paulo Freire: estudo de caso num presídio. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sanches. **Filosofia da práxis**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VEIGA, Ilma. P.A.(Org.) **O ensino e suas relações**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução. Ernani F. da F. Rosa - Porto Alegre: ArtMed, 1998.